


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

PATRÍCIA LIANE FOGACCIA

**O TESTEMUNHO NA LITERATURA:  
destaque para Primo Levi**



ARARAQUARA - SP  
2023

PATRÍCIA LIANE FOGACCIA

# **O TESTEMUNHO NA LITERATURA: destaque para Primo Levi**

Monografia de Conclusão de Curso (MCC)  
apresentada ao Departamento de Literatura da  
Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Claudia Fernanda de  
Campos Mauro**

ARARAQUARA – SP  
2023

F655t

Fogaccia, Patrícia Liane

O testemunho na literatura: destaque para Primo Levi / Patrícia Liane Fogaccia. -- Araraquara, 2023

43 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Letras) -  
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e  
Letras, Araraquara

Orientadora: Cláudia Fernanda de Campos Mauro

1. Literatura de testemunho. 2. Primo Levi. 3. Auschwitz. 4.  
História. 5. Trauma. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

PATRICIA LIANE FOGACCIA

# **O TESTEMUNHO NA LITERATURA: destaque para Primo Levi**

Monografia de Conclusão de Curso (MCC)  
apresentada ao Departamento de Literatura da  
Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Fernanda de  
Campos Mauro**

Data da defesa/entrega: 17/12/2023

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Profa. Dra. Claudia Fernanda de Campos Mauro**  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dra. Ionara Satin**  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP Araraquara

---

**Membro Titular: Doutoranda Luma Clecia da Silva**  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## **AGRADECIMENTOS**

À professora e amiga Ionara Satin, por me ensinar a amar a literatura e a língua italianas;

À minha família, por me apoiar em todas as minhas aventuras acadêmicas;

À minha filha Sophia, por ter feito minha inscrição na UNESP;

Ao meu marido Marco, por estar sempre ao meu lado.

“lua à vista  
brilhavas assim  
sobre auschwitz?”

(Leminski, 1987, p.114)

## RESUMO

O século XX viu nascer um novo tipo de narrativa: a Literatura de Testemunho. Vários elementos a definem e a caracterizam de forma distinta, como a relação com eventos traumáticos coletivos, o compromisso com a sinceridade e a verdade, a vontade de justiça, o sentimento de vergonha e a culpa pela sobrevivência. Através dos conceitos teóricos sobre testemunho, memória e esquecimento, desenvolvidos principalmente por Márcio Seligmann-Silva, Giorgio Agamben, Wilberth Salgueiro e Paul Ricoeur, analisou-se trechos de obras pertencentes a esta vertente literária, em especial o livro do escritor italiano Primo Levi *É isto um homem?*, publicado em 1947, procurando destacar os elementos literários e narrativos que tornaram o autor um cânone nessa área. Apesar da densidade e dramaticidade do conteúdo descrito, a linguagem de Primo Levi apresenta concisão, leveza e elegância, características muito peculiares neste tipo de narrativa. A obra analisada acompanha os dias do autor em Auschwitz, incluindo o choque inicial, o rápido processo de desumanização pessoal e coletivo, a descrição da estrutura logística, política e social do campo, destacando as diversas situações que evidenciam a luta contínua pela sobrevivência. Primo Levi apresenta de forma objetiva as situações e fatos cotidianos da vida em um campo de concentração nazista, evidenciando a lógica perversa do extermínio, presente em quase todos os detalhes. Em meio aos fatos, inclui seus sentimentos e memórias, amizades e sonhos, além de reflexões sobre comportamento e ética, tanto de carrascos quanto de vítimas, e o que os diferenciariam. Ao final, buscando entender a motivação das narrativas de testemunho, sua relação com a memória e a história, seu caráter político e agregador, foram analisados fragmentos de outras obras do mesmo gênero, bem como teorizações sobre o assunto e sobre um novo conceito de história.

**Palavras – chave:** Literatura de Testemunho; Primo Levi; Auschwitz; História; Trauma.

## ABSTRACT

The 20th century saw the birth of a new type of narrative: the Testimony Literature. Several elements define and characterize it, such as the correlation with collective traumatic events, the commitment to sincerity and truth, the desire for justice, the feeling of shame and guilt for having survived. Through theoretical concepts about testimony, memory and forgetting, developed mainly by Marcio Seligmann-Silva, Giorgio Agamben, Wilberth Salgueiro e Paul Ricoeur, was analyzed excerpts of works belonging to this literary strand, especially the book of the Italian writer Primo Levi *If This Is a Man*, published in 1947, seeking to highlight the literary and narrative elements that made the author a canon in this area. Despite the density and drama of the content described, Primo Levi's language presents conciseness, lightness and elegance, very peculiar characteristics in this type of narrative. The book analyzed follows the author's days in Auschwitz, including the initial shock, the rapid process of personal and collective dehumanization, the description of the logistical, political and social structure of the camp, highlighting the various situations that show the continuous struggle for survival. Primo Levi objectively presents the everyday situations and facts of living in a Nazi concentration camp, emphasizing the perverse logic of extermination, found in almost every detail. Among the facts, he includes his feelings and memories, friendships and dreams, as well as reflections on behavior and ethics, both of executioners and victims, and what would differentiate them. In the end, seeking to understand the motivation of the testimony narratives, their relationship with memory and history, their political and aggregating character, fragments of other works of the same type were analyzed, as well as theories on the subject and on a new concept of history.

**Keywords:** Testimony Literature; Primo Levi; Auschwitz; History; Injury.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 <i>CORPUS</i> .....	13
3 A LITERATURA DE TESTEMUNHO.....	16
3.1 Literatura de Testemunho: significado e origem.....	16
3.2 Marcas da Literatura de Testemunho .....	21
4 A LITERATURA DE PRIMO LEVI .....	27
5 POR QUE FALAR? .....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou analisar o que é e qual a importância da chamada Literatura de Testemunho nos dias de hoje, tanto do ponto de vista literário quanto histórico, utilizando como *corpus* trechos de obras consideradas canônicas na área, como *É isto um homem?*, de Primo Levi, e *A espécie humana*, de Robert Antelme, ambos publicados em 1947. Foi subdividido em três partes ou pontos de vista: primeiro, conceituou-se Literatura de Testemunho, suas características e peculiaridades, apresentando exemplos práticos de suas principais marcas ou traços distintivos; num segundo momento, utilizou-se trechos do livro de Primo Levi *É isto um homem?* (1947) a fim de destacar as ferramentas estéticas e linguísticas empregadas pelo autor para enriquecer e humanizar sua experiência em Auschwitz; no final, analisou-se a importância dos relatos de testemunho não apenas para os sobreviventes, mas como fonte historiográfica e ferramenta contra o esquecimento.

Assim, como primeira parte foram analisados os principais elementos formadores do gênero literário denominado Literatura de Testemunho, abarcando os motivos para o seu surgimento, suas características marcantes e frequentes, algumas escolhas discursivas e estilísticas, tipos de conteúdo predominantes, autores e assuntos de destaque, utilizando, sempre que possível, exemplos literários reais e variados.

Um aspecto importante discutido nesta primeira parte diz respeito aos conceitos ou tipos de testemunha, sob as óticas semântica, literária e jurídica, destacando as diferenças de significado e as formas de emprego possíveis dentro dos relatos de testemunho.

Por fim, ainda no tópico Literatura de Testemunho, são revisadas as principais marcas ou componentes essenciais deste tipo de literatura, utilizando conceitos e definições de alguns críticos e estudiosos da área, como Márcio Seligmann-Silva, Giorgio Agamben, Wilberth Salgueiro e Paul Ricoeur. Para exemplificar a conceituação teórica, utilizou-se alguns trechos da obra de Primo Levi, de Robert Antelme e de Elie Wiesel (*A noite*, de 1958).

A segunda parte deste trabalho é dedicada à análise mais criteriosa dos recursos literários empregados pelo autor italiano em seus relatos testemunhais. O destaque inicial é para a leveza e precisão da linguagem empregada, sem excessos e serena, permitindo que a leitura se torne prazerosa apesar da dureza das experiências descritas. Levi utiliza frases curtas, claras e objetivas, principalmente quando descreve com precisão documental a estrutura e o funcionamento do campo, suas rotinas e cerimoniais diários, permitindo ao leitor uma visão completa do enorme complexo prisional e de destruição em massa que funcionou por vários anos na Polônia.

Também merecem ênfase os diversos trechos reflexivos e analíticos que Levi intercala em sua narrativa, chamando o leitor para a análise. São exemplos: as reflexões sobre a natureza humana e suas ferramentas de sobrevivência; a análise sobre as tênues diferenças entre vítimas e carrascos; o questionamento sobre os limites da maldade humana; o imenso abismo que separa os valores e condutas de homens livres e de prisioneiros de Auschwitz. Assim, o autor busca esclarecer o real valor de um dia de sol para um prisioneiro, ou o motivo de ser permitido e até incentivado o roupo interno, ou ainda o porquê ser tão difícil para um sobrevivente descrever o sentimento de “fome crônica”.

Outro elemento de destaque na narrativa de Levi é a inclusão de diversos e variados personagens ao longo de toda a história, amigos, conhecidos, pessoas que se destacaram pela boa ou má conduta, a maioria prisioneiros como ele, e que de alguma forma mereceram serem lembradas. Esta pluralidade de vozes e ritmos é mais intensamente empregada no segundo livro do escritor, *A trégua* (1963), trazendo, também, maior movimento e descontração à narrativa.

Na terceira e última parte do texto, analisou-se quais seriam os motivadores individuais para a criação literária do testemunho, buscando entender tanto a urgência quanto a verve empregadas pelos sobreviventes. Além da ânsia de desabafar e a necessidade de ser ouvido, os sobreviventes de eventos traumáticos buscam compreender a essência do que houve e a complexidade das relações humanas envolvidas, sempre tendo em mente evitar o esquecimento coletivo e a perpetuação do mal.

Como conclusão deste trabalho, partiu-se do olhar individual para a perspectiva global, incluindo na análise as contribuições sólidas e essenciais dos relatos individuais dos sobreviventes para a composição histórica do passado. Assim, os desabafos particulares comporiam um rico *corpus* de fontes historiográficas imprescindíveis para a elaboração dos registros históricos atuais.

A grande contribuição dos relatos de testemunho à Literatura mundial é indiscutível e pouco controversa, mas o mesmo não se pode falar em relação ao objetivo primordial dos sobreviventes com a escrita testemunhal. Assim como seu vizinho precedente, o século XXI continua a servir de inspirador para novos relatos traumáticos, uma vez que continuam as disputas entre poderes, terras, raças e povos. A esperança de que as atrocidades desumanas seriam de alguma forma reprimidas e evitadas com a lembrança dos erros passados não aconteceu. A história parece estar sempre se repetindo e se multiplicando a cada vez que novos genocídios são executados nas várias partes do mundo. O exemplo do extermínio dos muçulmanos bósnios em Srebrenica em 1995 é só mais um deles. Assim como hoje vivemos a

rivalidade entre Israel e os extremistas do Hamas, em que muitos palestinos e judeus morrem a cada dia.

## 2 CORPUS

Serviram como *corpus* do presente estudo as obras de testemunho de Primo Levi *É isto é um homem?* (1947), *A trégua* (1963) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986), além das narrativas *A noite* (1958), de Eliezer Wiesel e *A espécie humana* (1947), de Robert Antelme.

Enquanto motivador de testemunhos, a segunda guerra mundial parece ter sido o grande evento traumático do século XX, sendo os campos de concentração o principal local de vivência destes traumas. De acordo com o site “Toda Matéria” (Bezerra, s.d.), ao menos 20 mil campos de concentração foram utilizados pelos nazistas entre 1933 e 1945, na Alemanha e em outros países por ela ocupados. No início, tais campos serviam apenas como prisão de inimigos políticos alemães, socialistas e comunistas, mas novas funções foram acrescentadas aos poucos. Dos três tipos de campo de concentração criados, de Trânsito, de Trabalho e de Extermínio, foi este último que marcou a perversidade nazista. Com a oficialização da chamada “solução final”<sup>1</sup>, após a Conferência de Wannsee, em 1942, além de Dachau, criado em 1933, foram abertos mais 6 campos com a finalidade de extermínio em massa, todos localizados na Polônia: Chelmno, Auschwitz-Birkenau, Belzec, Majdanek, Sobibor e Treblinka.

Dos campos de extermínio, Auschwitz se destacou por ser o maior complexo para concentração de prisioneiros e o maior local construído para eliminar pessoas (Campo, s.d.). Até o final de sua existência, compreendia três grandes acampamentos e 45 subcampos. Calcula-se que mais de dois milhões de pessoas tenham morrido em Auschwitz, asfixiados nas câmaras de gás, e mais meio milhão, de doenças e fome. Primo Levi se diz sortudo justamente por isso: foi mandado para Auschwitz numa época em que a mão de obra dos prisioneiros era mais necessária, o que diminuiu parcialmente o extermínio instantâneo ou aleatório naquele campo de extermínio, a partir de 1944.

Assim, compreende-se por que Auschwitz concentra o maior número de sobreviventes e de testemunhos. É de Auschwitz que fala o judeu italiano Primo Levi em sua trilogia *É isto é um homem?* (1947), *A trégua* (1963) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986). O mesmo campo é narrado pela judia húngara Edith Eva Eger, em *A bailarina de Auschwitz*, de 2017, e pelo romeno e também judeu Eliezer Wiesel, em *A noite* (1956).

---

<sup>1</sup> É importante conceituar o que os nazistas chamavam de “solução final” e os significados aqui considerados para os termos Holocausto e Shoah. Enquanto Holocausto, termo utilizado por Wiesel em *A noite* (1947), tem origem religiosa e remete à ideia de um sacrifício voluntário e passivo à morte, Shoah significa, em hebraico, devastação, catástrofe ou aniquilamento, já esvaziado de seu conteúdo divino na atualidade. Por fim, “solução final” era a própria expressão utilizada pelos nazistas para o extermínio de 11 milhões de pessoas que representavam, de alguma forma, um problema político, social ou ético para os alemães (Danziger, 2007).

Em seu primeiro livro, *É isto é um homem?* (1947), Primo Levi descreve a sua experiência em Auschwitz, de fevereiro de 1944 a janeiro de 1945, incluindo o choque inicial pela perda de sua liberdade e dignidade, passando pelo rápido processo de desumanização pessoal e coletivo e seguido pela descrição detalhada da estrutura logística, política e social do campo, com destaque para as diversas situações em que se evidenciaram a contínua luta dos prisioneiros pela sobrevivência. O jovem Levi apresenta de forma objetiva as situações e fatos cotidianos da vida em um campo de concentração nazista, evidenciando a lógica perversa do extermínio, presente em quase todos os detalhes. Em meio aos fatos, inclui seus sentimentos e memórias, amizades e sonhos, além de reflexões sobre comportamento e ética, tanto de carrascos quanto de vítimas, e o que os diferenciariam.

Em seu segundo livro, *A trégua* (1963), também de cunho testemunhal, Levi conta como foi a sua vida após a chegada dos russos em Auschwitz, em janeiro de 1945, e todo o caminho percorrido até a chegada em Turim, na Itália, em outubro. Descobre logo no início que não seria fácil atravessar uma Europa destruída pela guerra, repleta de refugiados e sobreviventes famintos, e que a luta pela sobrevivência ainda não estava vencida. Dos oitocentos prisioneiros deixados doentes em Auschwitz pelos alemães, quinhentos morreram antes dos russos chegarem e duzentos nos primeiros dias após a liberdade. O próprio Levi conta estar muito doente quando readquire a liberdade, demorando vários dias para se recuperar no *lager* central de Auschwitz, transformado pelos russos em enfermaria. Sua viagem de retorno é descrita com muitos detalhes e momentos de reflexão, alguns trechos angustiantes e outros divertidos, alternados com quebras no foco narrativo para a inclusão de histórias particulares dos diversos personagens que de alguma forma foram importantes ao longo de toda a sua jornada.

O terceiro livro de Primo Levi utilizado neste trabalho, *Os afogados e os sobreviventes*, de 1986, é uma espécie de ensaio, que apresenta as reflexões do autor após 40 anos de sua libertação. Dividido em oito capítulos e a conclusão, discute aspectos relevantes e ainda obscuros de sua vivência em Auschwitz. São tratados temas como a qualidade e a falácia da memória; a fraqueza humana frente às necessidades de sobrevivência, que tornariam carrascos e vítimas muito semelhantes e ligados; a vergonha de ter sobrevivido enquanto tantos padeceram; a necessidades de entender o povo alemão. O livro finaliza com exemplos de cartas recebidas por Levi escritas por alemães que responderam ao apelo do autor para “compreender melhor os alemães” (Levi, 2022, p. 143), incluído como prefácio na versão traduzida de *É isto um homem ?* para o alemão.

Também os livros *A noite* (1958), de Eliezer Wiesel, e *A espécie humana* (1947), de Robert Antelme foram citados neste trabalho como narrativas de testemunho. Elie era de família

judia da Romênia e foi deportado para Auschwitz com sua família em 1944 com apenas 15 anos; perde a mãe e a irmã ao chegar no campo. A experiência de Auschwitz representou para o garoto a perda radical de sua inocência: de um garoto religioso antes da guerra, se transforma em um homem descrente em Deus e nos homens, eternamente envergonhado pelo horror presenciado. Já *A espécie humana* (1947), de Robert Antelme, apresenta as experiências de um prisioneiro político francês, preso em 1944 e deportado para o campo Gandersheim, na Alemanha, e depois para Dachau, em 1945, já quase no fim da guerra. O relato objetivo e metuculoso de Antelme descreve o funcionamento e os horrores dos campos de concentração comuns, que não possuíam câmaras de gás ou fornos crematórios, mas que se assemelhavam aos campos de extermínio pela utilização da fome como ferramenta para destruição moral e física dos opositores.

### 3 A LITERATURA DE TESTEMUNHO

#### 3.1 Literatura de Testemunho: significado e origem

O século XX viu surgir um novo tipo de literatura muito distinto e peculiar que foi denominado Literatura de Testemunho. Com estilo e voz próprios, estes relatos estão intrinsecamente ligados a grandes eventos traumáticos que se desenrolaram neste século, como as revoluções político-sociais mexicana, russa, cubana e chinesa, os genocídios motivados por questões políticas, religiosas ou étnicas, como o genocídio dos judeus, dos armênios, dos cambojanos e dos ruandeses, além de inúmeros outros eventos coletivos relacionados à disputa permanente de poderes (Maciel, 2016). Fortemente vinculadas à área jurídica, a figura do testemunho e da testemunha surgiram como importantes instrumentos para dirimir dúvidas e solucionar impasses ainda na Grécia antiga, ganhando o status de prova humana nos séculos recentes.

Como forma de diferenciar esta vertente literária das demais narrativas autobiográficas, Wilberth Salgueiro (2012), em seu artigo “O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap)”, indica a existência de diversas marcas comuns aos textos do gênero testemunho, que seriam “intercambiáveis e includentes” (Salgueiro, 2012, p. 292-293), mesmo que nem todas estejam presentes concomitantemente, sendo as principais: 1) registro em primeira pessoa; 2) compromisso com a sinceridade; 3) desejo de justiça; 4) vontade de resistência; 5) vinculação a eventos coletivos ou acontecimentos históricos; 6) presença do trauma, geralmente associado a sentimentos de rancor e de ressentimento, 7) vergonha e culpa; 8) sobreposição do ético sobre o estético; 9) impossibilidade de rerepresentação do vivido. O autor realça, entretanto, que a presença de traços atípicos ou contrários às marcas indicadas nesta lista não descaracterizariam um tipo de relato como testemunhal, apenas o distinguiriam e particularizariam.

A Literatura de Testemunho se destaca também por não ser um tipo de literatura que o autor verdadeiramente escolhe para a sua narrativa, mas sim o inverso: Primo Levi, em seu livro *É isto um homem?* (1947), Robert Antelme, em *A espécie humana* (1947) e Elie Wiesel, em *A noite* (1958), citando alguns exemplos, se tornaram autores de testemunho porque vivenciaram situações que tinham a necessidade primária de relatar, de tornar público, como uma forma de se manterem vivos e sãos. A Literatura de Testemunho os escolheu.

Pode-se acrescentar ainda outras características à Literatura de Testemunho: seu caráter fragmentário, sua singularidade e a utilização de um narrador coletivo. Fragmentária porque

este tipo de narrativa, por representar praticamente uma extensão da memória do sobrevivente, como definido por Paul Ricoeur (2007) em *Memória, história, esquecimento*, não possui, normalmente, um texto fluido, lógico, completo e cronológico. As situações e fatos são apresentados conforme a necessidade do narrador. Como diz Primo Levi, no prefácio de *É isto um homem?* (1947): “Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência” (Levi, 1988, p. 8). A singularidade, por sua vez, relaciona-se à particularidade da história apresentada, absolutamente ligada à pessoa de quem a narra. Por outro lado, por estarem associados a fatos históricos coletivos, o autor que apresenta o relato normalmente não fala só por si mesmo, mas também se considera porta voz do grupo a que pertencia, de sobreviventes ou não. É o que desabafa Wiesel no prefácio de *A noite* (1947): “Para o sobrevivente que se quer testemunha, o problema é simples: seu dever é depor tanto para os vivos quanto para os mortos e, acima de tudo, para as gerações futuras” (Wiesel, 2021, p. 17-18).

O narrador neste tipo de relato é, geralmente, a própria pessoa que sofreu o trauma, viveu a experiência e a relata, chamado de *superstes*, em latim, e de *supérstite*, em português. Mas poderia ser também uma testemunha terceira ou uma testemunha solidária. São exemplos de *supérstites*: Primo Levi, em suas narrativas *É isto um homem?*(1947) e *Trégua* (1963), em que o autor narra sua permanência em Auschwitz e os meses após sua libertação, a caminho de casa; Graciliano Ramos, em *Memórias do Cárcere* (1985), que narra as vivências do autor na prisão durante a década de 30, ao mesmo tempo em são analisadas a justiça e o sistema carcerário brasileiros da época (Elias, 2023); André du Rap e Bruno Zeni, em *Sobrevivente André du Rap, do Massacre do Carandiru* (2002), narrativa do ex-detento José André de Araújo sobre o massacre do Carandiru e outras análises sobre a vida prisional e o sistema penitenciário brasileiro (Palmeira, 2011).

Importa realçar que a testemunha na literatura em muito se diferencia do conceito jurídico de testemunha. Enquanto a testemunha jurídica representa alguém externo ao evento, um terceiro, que pode apresentar uma versão razoavelmente neutra dos fatos, figura importante nos julgamentos e necessária para a mediação e acordo entre as partes, denominado *testis* em latim (Agabem, 2008), a testemunha *supérstite* é absolutamente parcial e pessoal, geralmente centrada na narrativa fiel de suas impressões e vivências, e para quem os julgamentos ou o perdão pouco ou nada representam no final. Essa é claramente a posição marcada por Levi em suas narrativas sobre Auschwitz, que privilegiam a descrição dos fatos de forma o menos adjetiva possível, evitando julgamentos ou juízos de valor e focando na apresentação objetiva dos acontecimentos.

Segundo Salgueiro (2012) e Gagnebin (2006), seria possível diferenciar, ainda, um outro tipo de testemunha, a testemunha solidária, que é alguém que não esteve presente no evento traumático, mas que o assimila e o divulga por solidariedade, compaixão ou mera humanidade. Jean Marie Gagnebin, em *Lembrar escrever esquecer* (2006), assim conceitua:

Nesse sentido, uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (Gagnebin, 2006, p. 57).

Como complemento à tipologia descrita acima, Giorgio Agambem, em *O que resta de Auschwitz* (2008), define a verdadeira testemunha, a testemunha integral da realidade dos campos de extermínio de Auschwitz, como somente os prisioneiros que não testemunharam, aqueles que não sobreviveram, enquanto os narradores sobreviventes figurariam apenas como testemunhas-terceiras, pseudotestemunhas dos horrores presenciados (Agambem, 2008, p. 43). De um certo ponto de vista, é possível entender que Primo Levi tenha concordado em parte com Agambem, uma vez que afirma que somente uma minoria, composta pelos prisioneiros que de alguma forma eram privilegiados por motivos políticos ou técnicos, seria responsável pela narrativa do que houve nos campos de concentração; a grande maioria, os mais afetados pelas condições irreais dos campos, aqueles que não tiveram como evitar sua completa destruição, aqueles que tatearam o fundo, não teriam sobrevivido para testemunhar (Levi, 2022, p. 12). Em *É isto um homem?* (1947), Levi descreve esses chamados “muçulmanos”, as testemunhas-limite do Shoah, como uma multidão sem nome que arrasta os pés ao andar, de olhar baixo, absolutamente esgotados e apagados, que não falam ou ouvem e que parecem não possuir mais sentimentos ou pensamentos: “Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se de chamar ‘morte’ à sua morte” (Levi, 1988, p. 132).

Pode-se pensar que o próprio Levi, em *Os afogados e os sobreviventes* (1986) e *A trégua* (1963), tenha assumido o papel de testemunha-terceira (*testis*) ao narrar os poucos dias em que conviveu com Hurbinek, um menino de aproximadamente 3 anos, que não falava, estava paralisado dos rins para baixo, tinha as pernas atrofiadas e que somente se expressava através dos olhos. Levi acompanha a existência do pobre menino, também tatuado no pequeno antebraço, sua vontade angustiante de aprender a falar, de articular alguns sons, de finalmente

se comunicar e conviver humanamente com outros humanos; Primo Levi consegue, através da literatura, dar voz e imortalidade ao menino:

Hurbinek, que tinha três anos e que nascera talvez em Auschwitz e que não vira jamais uma árvore; Hurbinek, que combatera como um homem, até o último suspiro, para conquistar a entrada no mundo dos homens, do qual uma força bestial o teria impedido; Hurbinek, o que não tinha nome, cujo minúsculo antebraço fora marcado mesmo assim pela tatuagem de Auschwitz; Hurbinek morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras (Levi, 2010, p.21).

De qualquer forma, independentemente do conceito de testemunha empregado, o que o século XX presenciou foi uma vastidão de relatos testemunhais sobre eventos traumáticos globais e regionais, muitos deles relacionados a um mesmo fato histórico, mas todos respeitando singularidades próprias das narrativas pessoais e que apresentam reconstruções do mundo aos olhos do narrador (Ricoeur, 2007).

Do ponto de vista mais global, os testemunhos podem ser representados através de diversas modalidades, variando tanto as situações, os eventos e os períodos, quanto a forma de representação. Assim, tem-se testemunhos relacionados a genocídios, a guerras, a ditaduras, a torturas, a miséria etc., e de diversas formas relatados, como em romances, quadrinhos, diários, poemas, filmes, documentários, canções etc. (Salgueiro, 2012, p. 286). Mesmo no universo restrito da narrativa literária de testemunho, por exemplo, várias são as possibilidades de escrita literária, dependendo do gosto ou escolha do autor, alternando entre estética e crítica, análise e narrativa, história e diário, e assim por diante.

Para identificar o que estes relatos possuem em comum, Paul Ricoeur, partindo da memória, destaca alguns “componentes essenciais” que os distinguiriam e qualificariam. Primeiro de tudo, o relato deve ser presumidamente confiável, em que uma realidade factual é narrada por um autor autêntico. A questão da confiança e o pressuposto de veracidade são muito importantes na recepção do testemunho. O exemplo do livro *Fragments: memórias de uma infância 1939-1948*, de Benjamin Wilkomirski (ou melhor, Bruno Doessekker<sup>2</sup>), é emblemático para exemplificar esta questão: quando o público e a crítica descobrem que o relato do autor-narrador sobre suas experiências enquanto criança prisioneira em campos de concentração nazistas, apresentado como verídico e testemunhal, não era real, simplesmente não havia acontecido, nada restou de positivo no autor e em sua obra, transformando-o numa grande fraude literária (Santos, 2010). A confiança foi perdida e o pacto autobiográfico, que pressupõe

---

<sup>2</sup> Nome verdadeiro de Benjamin, após a verdade sobre seu relato ter sido desvendada pelo escritor Daniel Ganzfried (Elmir, 2008).

a identidade entre autor, narrador e personagem (Alberti, 1991 *apud* Elmir, 2008, p.50), foi quebrado. Talvez o espaço ficcional pudesse ter permanecido válido, enriquecido pela imensa pesquisa realizada pelo autor em dados e arquivos históricos, como diz Elmir (2008) no artigo “O caso Benjamin Wilkomirski: a dupla invenção da memória”, mas em outras circunstâncias. Outra sorte teria a obra, quem sabe, se o livro já fosse apresentado como ficção, com menor impacto editorial, mas maior integridade ética.

Desta forma, como não existe confiança sem autenticidade, o autor de qualquer relato testemunhal precisa ganhar a credibilidade do interlocutor para excluir qualquer suspeita sobre o seu texto, sendo necessário incluir elementos que de alguma forma comprovem a sua veracidade. Ainda mais porque geralmente não existem provas reais do que está sendo narrado, apenas o testemunho singelo de quem diz ter estado lá, mesmo que continuamente reiterado para que se mantenha no tempo e na memória coletivos, fazendo parte da história universal. É claro que para leitores mais atentos, críticos e estudiosos, o testemunho apresentado, independentemente de quão persuasivo seja, não valida a si mesmo, necessitando de contextualizações temporais e espaciais, além da coerência com as múltiplas intertextualidades, para que seja admitido enquanto real (Elmir, 2008).

Além disso, o relato testemunhal está absolutamente ligado à figura de quem narra: não é uma história qualquer, mas uma experiência pessoal que é transmitida pelo testemunho, de alguém que estava lá e viu/participou. Este “estava lá” significa também que o tempo e o local do ocorrido são distintos do tempo e local da enunciação, deixando claro que o evento narrado faz parte de um tempo passado, superado e lembrado no presente. Também importa destacar que a Literatura de Testemunho não visa à imitação, nem à criação absoluta ou arte pela arte, mas sim ao conteúdo narrado, ao objeto, como destaca Seligmann-Silva (1998) no artigo “Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção”. Assim, o livro de testemunho é visto muito mais como instrumento de libertação pessoal e coletiva do que como um instrumento cultural, diz Ginzburg (2011) no artigo “Linguagem e trauma na escrita do testemunho”.

Uma questão que se poderia indagar seria porque tantas testemunhas escolheram a literatura para a concretização de seus desabafos, ao invés de utilizarem outras formas de comunicação não literárias, como os documentários, reportagens e relatórios fotográficos, citando alguns. O que diferenciaria a literatura? E o perigo de uma confusão possível entre ficção e realidade? Desabafa Antelme (2013):

Há dois anos, nos primeiros dias do nosso retorno, fomos todos, creio eu, tomados por um verdadeiro delírio. Queríamos falar [...] Mal começávamos a contar, sufocávamos. A nós mesmos, o que tínhamos a dizer principiava então a nos parecer *inimaginável* [...] Doravante era claro que tão somente pela escolha, ou seja, ainda pela imaginação, poderíamos tentar contar qualquer coisa (Antelme, 2013, p. 9).

Como entende Antelme, a resposta mais provável deve estar relacionada justamente ao trânsito possível e facilitado da literatura pela imaginação, pela simbolização literária e por outras ferramentas linguísticas próprias da ficção, necessárias para viabilizar a descrição de situações reais, mas inimagináveis, a fim de buscar um novo olhar para esta também nova realidade.

### 3.2 Marcas da Literatura de Testemunho

Buscando tornar mais concretas as conceituações apresentadas até o momento, analisou-se a narrativa do escritor Primo Levi, principalmente em sua obra *É isto um homem?* (1947), destacando a presença ou a ausência das marcas ou componentes essenciais antes mencionados, elencados por Wilberth Salgueiro (2012): 1) registro em primeira pessoa; 2) compromisso com a sinceridade; 3) desejo de justiça; 4) vontade de resistência; 5) vinculação a eventos coletivos ou acontecimentos históricos; 6) presença do trauma, geralmente associado a sentimentos de rancor e de ressentimento, 7) vergonha e culpa; 8) sobreposição do ético sobre o estético; 9) impossibilidade de rerepresentação do vivido.

No livro *É isto um homem?* (1947), já no prefácio, Levi não deixa dúvidas sobre qual é o tipo de relato e do que aguarda o leitor: “Por minha sorte, fui deportado para Auschwitz só em 1944...” (Levi, 1988, p.7). Esta pequena frase diz muito: o relato que se inicia, apresentado em primeira pessoa, é o testemunho individual de um sobrevivente de Auschwitz, que se diz sortudo por ter sido aprisionado pelos alemães quase no final da guerra, quando “o governo alemão, em vista da crescente escassez de mão de obra, resolveu prolongar a vida média dos prisioneiros a serem eliminados” (Levi, 1988, p.7). Estão claras as marcas indicadas anteriormente com os números 1, 2 e 5: primeira pessoa, sinceridade e evento coletivo.

Esta narrativa em primeira pessoa, presente em quase todo o livro, seja no singular quanto no plural, muda de foco somente em alguns momentos de reflexão, em que o autor, já no presente da narrativa, busca compreender aquela realidade surpreendente:

Hoje é um dia bom. Olhamos ao redor, como cegos que recuperaram a visão, e nos entreolhamos. Nunca nos víamos no sol! Alguém sorri. Se não fosse pela fome ...

Porque assim é a natureza humana: as penas padecidas simultaneamente não se somam em nossa sensibilidade; ocultam-se, as menores atrás das maiores, conforme uma lei de prioridades bem definida. Isso é providencial, e nos permite viver no Campo. E é esse o motivo pelo qual ouve-se dizer, amiúde, na vida livre, que o homem é incontentável. Realmente, mais que de incapacidade humana para um estado de bem-estar absoluto, trata-se de conhecimento insuficiente da complexidade do estado de desgraça; às suas causas (que são múltiplas, e hierarquicamente dispostas), dá-se apenas um nome, o da causa maior, até que esta eventualmente chegue a cessar, e então nos assombra dolorosamente a constatação de que atrás dessa havia outra, uma série de outras (Levi, 1988, p. 105-106).

Também constam do prefácio as marcas que atestam o compromisso com a sinceridade e com a autenticidade do relato (marca 2), estabelecendo um pacto de verdade com o leitor: “Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação” (Levi, 1988, p. 8). Levi pede ao leitor que não só acredite em suas palavras, mas também em sua memória. O que será lido não é ficção, mesmo que, às vezes, de tão irreal, possa parecer.

O desejo de justiça e a vontade de resistência, marcas 3 e 4, presentes principalmente em *Os afogados e os sobreviventes* (1986), se destacam também no pequeno poema que funciona como epígrafe e abre o livro *É isto um homem?* (1947):

[...]  
 Pensem que isto aconteceu:  
 eu lhes mando estas palavras.  
 Gravem-na em seus corações,  
 estando em casa, andando na rua,  
 ao deitar, ao levantar;  
 repitam-nas a seus filhos.

Ou, senão, desmorone-se a sua casa,  
 a doença os torne inválidos,  
 os seus filhos virem o rosto para não vê-los.  
 (Levi, 1988, p. 9-10)

Neste curto poema, Levi não só pede ao leitor que pense e grave suas palavras sobre as condições subumanas em que viveram homens e mulheres em Auschwitz, mas o ameaça com um futuro de esquecimento caso não o faça.

O evento coletivo (marca 5) do qual Levi esteve presente é indicado por toda a trilogia de testemunho escrita pelo autor, desde o prefácio e ao longo de todas as narrativas, mas sempre ressaltando o fato de se tratar de relatos subjetivos e particulares, voltados para a realização pessoal, sem ambições históricas ou fatos reveladores:

Este livro, portanto, nada acrescenta, quanto a detalhes atrozes, ao que já é bem conhecido dos leitores de todo o mundo com referência ao tema doloroso dos campos de extermínio.” [...] poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana (Levi, 1988, p.7).

[...] Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar "aos outros", de tornar "os outros" participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior (Levi, 1988, p. 8).

Levi às vezes fala em nome próprio, com suas impressões e pensamentos particulares, quando fala da sede implacável que o assola durante toda a viagem e nas primeiras horas no campo, por exemplo; mas em muitos outros trechos utiliza o pronome ‘nós’, como no trecho do prefácio citado acima, em que se posiciona como o porta voz de um grupo, como alguém que fala em nome da coletividade, em nome dos prisioneiros de Auschwitz.

Também é recorrente a menção pelo autor das cicatrizes profundas que Auschwitz deixou, sendo mencionadas tanto do ponto de vista pessoal quanto da coletividade analisada: marca de número 6. Considerando o conjunto de sobreviventes dos campos, Levi analisa que o grande número de suicídios após a liberdade estaria relacionado à dificuldade de conviver com tais cicatrizes, de revisar e reviver o passado após a reaquisição da consciência. As atrocidades vividas de tão fantásticas e aviltantes dificilmente foram compreendidas ou conscientemente absorvidas durante a prisão, justamente porque as necessidades primárias concentravam todas as forças e os pensamentos diários. Com o retorno da humanidade e da consciência perdidos, a depressão e o desespero seriam insuportáveis:

À saída da escuridão, sofria-se em razão da consciência readquirida de ter sido aviltado. Não por vontade, não por pusilanimidade, nem por culpa, vivêramos durante meses ou anos num nível animalesco [...] Creio que é exatamente a esse recuo para observar a “água perigosa” que se devem os muitos casos de suicídio após (às vezes, logo após) a libertação. Era sempre um momento crítico, que coincidia com uma vaga de revisão e de depressão (Levi, 2022, p.59).

Do ponto de vista pessoal, Levi narra ter um sonho recorrente, compartilhado com outros no campo, inclusive com Alberto, seu melhor amigo, que o assombra durante e após a prisão; uma cicatriz perpétua. Sonho de contar o que houve em Auschwitz e ninguém acreditar; de falar e não ser escutado; de ninguém querer ouvi-lo falar:

Curiosamente, esse mesmo pensamento ("mesmo que contarmos, não nos acreditarão") brotava, sob a forma de sonho noturno, do desespero dos prisioneiros. Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias

escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na forma mais típica (e mais cruel), o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente (Levi, 2022, p.7-8).

Por mais ilógico que possa parecer, muito dos relatos de sobreviventes de Auschwitz estão repletos de depoimentos sobre vergonha e culpa, a marca 7, a ponto destes temas ocuparem capítulos inteiros de *O que resta de Auschwitz* (1998) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986). Várias espécies de vergonha, mas todas relacionadas à culpa e à impotência: vergonha por ter sobrevivido enquanto tantos pereceram (Salgueiro, 2012, p. 287); vergonha por não ter feito o suficiente, por não ter se rebelado (Levi, 2022, p. 60); vergonha do ouvinte, que não conheceu os campos e não entende o que aconteceu, mas que se sente culpado ao ver a destruição do espírito humano (Agambem, 2008, p. 35). No trecho abaixo, todos os prisioneiros estão na Praça da Chamada em Auschwitz para a execução de um prisioneiro: um rebelado que ajudou na explosão de um forno crematório. ‘O último’<sup>3</sup>:

O homem que vai morrer hoje participou, de alguma maneira, da revolta. Parece que tinha ligações com os amotinados de Birkenau [...] Todos, porém, ouviram o grito do homem que ia morrer; esse grito que transpôs as velhas, grossas barreiras de inércia e remissão [...] Companheiros, eu sou o último! [...] Alberto e eu voltamos ao Bloco; nenhum dos dois pôde encarar o outro. Esse homem devia ser duro, devia ser feito de uma substância diferente da nossa, já que a vida cruel do Campo não conseguiu dobrá-lo, e a nós nos quebrou [...] e agora nos oprime a vergonha (Levi, 1988, p.218-220).

Para abordar o próximo traço, a marca 8, a sobreposição do ético sobre o estético, presente nas literaturas de testemunho, importa ressaltar, primeiramente, que essa marca, embora frequente, não é unânime. Como destaca Salgueiro (2012), a Literatura de Testemunho teria múltiplas faces, variando a importância atribuída ao teor literário de acordo com cada autor. Enquanto Alex Polari, em *Camarim de Prisioneiro* (1980), e André du Rap, em *Sobrevivente André du Rap, do Massacre do Carandiru* (2002), priorizam a linguagem oral, a coloquialidade, a descrição direta e a dureza das palavras como instrumentos literários para a transmissão do conteúdo e sedução dos leitores, Graciliano Ramos, em *Memórias do Cárcere* (1953), mantém o elevado teor literário em suas memórias, trazendo como principais traços literários o “diálogo dinâmico, a argúcia do narrador, o convívio entre os discursos direto e indireto, o exercício da lógica, a busca da palavra justa, a cética ironia mesmo em condição adversa” (Salgueiro, 2012, p. 298).

---

<sup>3</sup> Título do capítulo (Levi, 1988, p.212).

Primo Levi, mesmo não sendo escritor de profissão e nunca se identificando como tal, cuida detalhadamente e com muita acurácia da estética empregada em seus livros. A escolha minuciosa das palavras e das frases utilizadas, acompanhada de uma linguagem objetiva e sem exageros, torna sua leitura simples, mas rica; direta, mas não assustadora; densa, mas leve, mesmo se tratando de memórias tão cruéis.

Uma prova do tamanho do cuidado com a linguagem deste “não escritor” italiano é literalmente mencionada no capítulo 8º de *Os afogados e os sobreviventes* (1986), em que Levi descreve como foi o trabalho de tradução de *É isto um homem?* (1947) para o alemão: a grande emoção, o sentimento de realização, a possibilidade de ser lido por quem também vivenciou a história, o contato com o tradutor. Era preciso que a tradução não perdesse ou alterasse nada. O tradutor não poderia ‘trair’ as palavras ou o sentido empregado:

Quando, em 1959, soube que uma editora alemã (a Fischer Bücherei) tinha adquirido os direitos de tradução, me senti tomado por uma emoção violenta e nova, a de ter vencido uma batalha [...] ora, eu escrevera aquelas páginas sem pensar num destinatário específico; para mim, tratava-se de coisas que carregava, que me invadiam e que tinha de pôr para fora: dizê-las [...] mas seus destinatários verdadeiros [...] eram eles, os alemães (Levi, 2022, p.137-138).

[...] temia que meu texto empalidecesse, perdesse suas conotações [...] a aventura [...] de ser traduzido, de ver o próprio pensamento manipulado, refrangido, a própria palavra passada no crivo, transformada, ou mal-entendida [...] queria que naquele livro, especialmente em sua versão alemã, não se perdesse nada da dureza, da violência imprimida na linguagem [...] (Levi, 2022, 140-141).

Talvez este cuidado com a linguagem esteja relacionado a uma outra marca comum na Literatura de Testemunho: a impossibilidade de rerepresentação do sofrido, de representar a experiência e o passado, de exprimir em palavras comuns as situações incrivelmente traumáticas vividas (marca 9); a necessidade de testemunhar frente à incapacidade de a linguagem exprimir o que se quer, como definida por Seligmann-Silva (2008b) em seu artigo “Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas”. Levi se dá conta desta deficiência linguística assim que chega em Auschwitz e percebe a dimensão da máquina alemã de guerra, criada para a destruição de tudo o que seria verdadeiramente humano: “Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem” (Levi, 1998, p.32). E essa deficiência permanece, evidenciada sobremaneira quando da descrição das sensações e sentimentos básicos do ser humano, mas que em Auschwitz se tornavam distintos e crônicos:

Assim como nossa fome não é apenas a sensação de quem deixou de almoçar, nossa maneira de termos frio mereceria uma denominação específica. Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”,

mas trata-se de outras coisas. [...] Se os Campos de Extermínio tivessem durado mais tempo teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos faz falta agora [...] (Levi, 1988, p.182).

Por fim, uma última marca poderia ser acrescentada a esta já extensa lista: a motivação em escrever; a necessidade de testemunhar, de contar o havido, para superar o trauma e continuar vivo. Levi fala de seu testemunho como forma de libertação interior, da urgência em escrever, como uma necessidade primária, imprescindível à sua sobrevivência. Uma forma de desabafo que acompanharia muitos dos sobreviventes: “Alguns dos meus amigos, amigos que me são muito caros, nunca falam de Auschwitz.” [...] “Outras pessoas, por sua vez, falam disso sem parar, e sou um deles” [...] “Estou em paz comigo porque testemunhei” (Levi, 1997, p.224 e 219 *apud* Agambem, 2008, p. 26-27).

## 4 A LITERATURA DE PRIMO LEVI

Este capítulo analisa mais detidamente a escrita literária de Primo Levi, buscando ressaltar seus principais elementos e características.

Um elemento diferenciador na literatura de Primo Levi, principalmente em seu primeiro livro *É isto um homem?* (1947), é, sem dúvida, a linguagem empregada. Enquanto relata momentos desumanos e absurdos de sua permanência num Campo de Extermínio, Levi não perde a leveza e a precisão na linguagem, permitindo que a leitura se torne prazerosa e agradável. Além disso, as frases curtas, a economia expressiva, a clareza, a elegância da linguagem e o cuidado estético que permeiam toda a narrativa tornam a leitura fluida e diferenciada, como destaca Anna Basevi em seu artigo “Tradução, diálogo, testemunho: Primo Levi e seus tradutores” (Basevi, 2020).

Ítalo Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio* (1988), define a “leveza” como um valor ou uma qualidade literária imprescindível para o século 21. Segundo o autor (Calvino, 1990), diante de uma época tão turbulenta, movimentada e dura como o século XX, a literatura deveria buscar olhares alternativos e indiretos para a retratar, retirando o peso tanto da linguagem quanto da estrutura narrativa, sem perda de agilidade ou qualidade. Através da analogia com a história mitológica de Perseu<sup>4</sup>, Calvino propõe que o olhar do escritor siga o exemplo do herói, que recusa a visão direta da víbora para poder dominá-la, mas sem perder o respeito e a delicadeza para com o inimigo. Assim, esta literatura, ao buscar outros pontos de vista narrativos, outros caminhos para a descrição do real, de forma mais leve e ágil, transformaria a realidade narrada, tornando-a também mais suportável.

Nos 3 livros de testemunho de Primo Levi, a forma narrativa do escritor italiano se diferencia por ser objetiva, sem excessos e serena. Não são narrados fatos violentos ou empregadas palavras duras, independentemente do que está sendo relatado. Quando faltam palavras para descrever os absurdos ocorridos, o autor utiliza metáforas breves que enriquecem a narrativa, ao mesmo tempo em que bem transmitem a mensagem original. Este recurso narrativo contraria o senso comum de que a onipresença da morte, encontrada em inúmeros relatos de sobreviventes, teria como consequência a necessidade de uma linguagem concreta, direta, sem espaço para metáforas (Seligmann-Silva, 1998) ou para apelos estéticos e estilísticos (Polari, 1980 *apud* Salgueiro, 2012).

---

<sup>4</sup> Segundo a mitologia grega, Perseu, filho de Zeus, consegue decapitar a mortal Medusa porque utiliza um escudo, que permitiu que ele observasse a víbora de forma indireta, evitando ser petrificado. Para este difícil trabalho, Perseu teve a ajuda de Hermes e Atenas (Grimal, 1993).

Uma das passagens que bem ilustra o emprego de descrições metafóricas por Primo Levi está nas primeiras páginas de *É isto um homem?* (1947) e marca o início da experiência de Levi em Auschwitz. Após vários dias de viagem de trem para um destino desconhecido, sem comida ou água, surpreendido por multidões de “fantasmas” de pijama listrado e demonstrações de violência gratuita, a chegada em Auschwitz apenas acentua a angústia, principalmente devido à sede intensa que o atormenta. Faz quatro dias que não bebe nada. Na sala para a qual são conduzidos após a chegada no campo há uma torneira que pinga com um cartaz indicando ser proibido beber – água poluída. Acreditando que é deboche, sem resistir, Levi bebe aquela água morna, adocicada e com cheiro de pântano. Não consegue engolir. Como descrever tal situação?

Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante mas que não tem água potável, esperando algo terrível, e nada acontece, e continua acontecendo nada. Como é possível pensar? É como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. O tempo passa, gota a gota (Levi, 1988, 25-26).

Perece impossível relatar uma sede tão intensa para um leitor que provavelmente acabou de tomar um copo d’água e que raramente fica mais do que algumas poucas horas sem ingerir algo. Levi consegue. Utilizando a metáfora do inferno, que associa o sadismo de uma torneira gotejante à crueldade da espera interminável e terrível, este leitor pode ser capaz de compreender a maldade implícita na cena aparentemente banal, mas que marca o começo dos tormentos diários pelos quais terão que passar a maioria dos prisioneiros em Auschwitz, principalmente os judeus.

Assim, utilizando o conceito de “leveza” empregado por Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio* (1988), pode-se afirmar que as metáforas empregadas por Levi por toda a narrativa trabalham como “Escudos de Perseu”, transformando as cenas de extrema crueldade e violência dos campos em situações imaginárias de igual força e significado, mas que evitam a banalização do mal, o choque do leitor.

Outra marca na linguagem testemunhal de Levi que merece destaque é a riqueza descritiva de locais e situações corriqueiras que oferecem uma visão realista e quase documental de Auschwitz. Esta é uma marca muito presente principalmente no primeiro livro, *É isto um homem?* (1947), e que parcialmente se suaviza em *A trégua* (1963) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986), quando ganham destaque a liberdade linguística, a subjetividade e a adjetivação da linguagem.

Um bom exemplo deste realismo documental é a descrição da topologia e forma de organização de Auschwitz, no capítulo “O fundo” de *É isto um homem?* (1947). É quase

possível visualizar a prisão devido à precisão e riqueza de detalhes. Levi não só identifica a metragem e disposição do campo, como o número de blocos, sua composição, distribuição, organização, função e ocupantes, mas detalha alguns deles, como os blocos destinados à enfermaria, os blocos dormitórios, as cozinhas, os barracos das duchas, as latrinas, o bloco das mulheres, a Praça da Chamada e as fábricas. Em meio à toda esta geografia árida e cinza, muda o foco narrativo para apresentar os tipos de prisioneiros do campo, suas características, funções e hierarquia de poder. Havia os criminosos comuns, que em muitos campos assumiam o papel de chefes e incorporavam a maldade e o sentimento de superioridade dos guardas alemães, identificados com triângulos verdes costurados no casaco listrado; os políticos, prisioneiros de guerra, com triângulos vermelhos; no terceiro grupo, a grande massa de judeus, que levavam a estrela de Davi amarela e vermelha no casaco e ocupavam o local mais baixo na hierarquia do campo. Esta descrição direta e detalhada da topologia e seu funcionamento, como no caso dos blocos dormitórios, quase sem adjetivação, objetiva e direta, reserva ao leitor atento a tarefa de desvendar o real significado de tamanha organização e disciplina: o extermínio de todos os não nazistas. Abaixo, incluiu-se a descrição de 1 dos vários blocos dormitórios:

O segundo setor é o dormitório e só contém beliches: 148 beliches de três camas cada um, encaixadinhos um no outro como células de colmeias, de modo a aproveitar todo o vão, até o teto, e divididos por três corredores. [...] o espaço disponível é tão pequeno, que os moradores de um Bloco só cabem nele quando a metade está deitada nos beliches (Levi, 1988, p.41-42).

Esta acurácia na linguagem e objetividade na narrativa perpassam quase todo o livro, geralmente acompanhadas por situações reais vividas por Levi. É o que ocorre, por exemplo, quando Levi se acidenta seriamente no trabalho, ficando com o pé praticamente imprestável. O foco imagético da narrativa deixa de ser o trabalho ou a estrutura do campo e passa a ser o Ka-Be, um dos blocos reservados aos doentes. Desta forma, à medida em que Levi descreve a série de procedimentos relacionados aos doentes no campo, os rituais dificultosos e demorados de entrada e saída para inibir preguiçosos, a perda dos objetos pessoais vitais quando da entrada na enfermaria (gamela, colher, boné, luvas), além de tantos outros percalços pelos quais tem que passar um prisioneiro comum que busque a cura, a dureza da realidade de um Campo de Extermínio mais uma vez é apresentada de forma sutil e despretensiosa. Do Ka-Be só existiriam duas saídas possíveis: ou a cura rápida, em no máximo 2 meses, ou a seleção para as câmaras de gás. Sem alternativas. A lógica dos números de Auschwitz:

- Me mostra teu número. Tu és 174.517. Esta numeração começou há 18 meses e vale para Auschwitz e os Campos que dele dependem. Nós somos, agora, 10

mil aqui em Buna-Monowitz; uns 30 mil, talvez, entre Auschwitz e Birkenau. *Wo sind die Andere?* Onde estão os outros?  
 - Talvez transferidos para outros Campos ...  
 Schmulek abana a cabeça, diz a Walter: - *Er will nix verstayen* - ele não quer compreender (Levi, 1988, p.73).

Desta mesma forma, são descritas diversas rotinas diárias de Auschwitz, várias delas ilógicas, grotescas e desnecessárias, mas para sempre marcadas na lembrança dos prisioneiros. É o caso das repetidas canções folclóricas alemães, diariamente tocadas para acompanhar a marcha e o retorno ao trabalho; das contagens e duchas sucessivas, intermináveis e muitas vezes repetidas, que revelam a paranoia alemã por ordem e limpeza; dos rituais semanais de trocas de sapato, da distribuição diária de pão e sopa. Uma dessas rotinas, desta vez não imposta, mas absolutamente necessária devido à alimentação essencialmente líquida, diz respeito à vontade constante de urinar, principalmente à noite. Não bastasse a interrupção do sono por motivos fisiológicos, várias vezes por noite, havia ainda a dura tarefa de esvaziar o balde de urina quando por azar este já estava cheio e transbordante quando era utilizado. Mas era melhor levar a urina do que ter ela levada por seu companheiro de beliche, porque a urina transborda e encharca os calcanhares. A ironia e delicadeza novamente prevalecem na linguagem: “Toca-nos arrastar-nos até a latrina, com o balde batendo nas pernas nuas, asquerosamente morno [...] Por isso, embora a tarefa seja nojenta, ainda é melhor que toque a nós e não ao nosso companheiro de cama” (Levi, 1988, p.88).

Outra rotina muito bem apresentada pelo autor está relacionada à troca de mercadorias no Campo, onde, apesar da proibição, tudo se vendia ou se trocava, de pão a camisas, passando por sopas ou promessas de sopas, dentes e sapatos; comércio somente possível graças ao contato, nas fábricas, com os trabalhadores externos. Este mercado, apesar de ilegal, era permitido dependendo do ponto de vista empregado, revelando um maniqueísmo bem peculiar: o roubo nas fábricas era punido pelos civis e incentivado pelos SSs, enquanto o roubo no Campo era normal para os civis e execrado pelos SSs, sendo a punição aplicada, às vezes, tanto a vítimas quanto a ladrões. O Campo era um universo à parte, com suas regras e morais próprias.

Mas Levi não apenas descreve objetivamente como foi sua experiência em Auschwitz. Em meio a fatos, descrições e análises, inclui momentos de reflexão que oferecem pausa na narrativa e permitem ao leitor pensar para além dos fatos crus apresentados pelo autor. Desta forma, além do testemunho documental, Levi traz diversas e profundas considerações sobre a natureza humana, suas contradições e limites, inseridas na narrativa por sua relação com algum fato ou situação crítica, ou como resultado de eventos interligados ou repetitivos.

A viagem para Auschwitz, por exemplo, realizada em vagões de carga, onde centenas se aglomeraram, sem comida, água ou as mínimas condições de higiene, descrita como o início do inferno, mas que não seria tão desesperadora assim pela simples incapacidade humana de conceber situações infinitas. Nas reflexões do autor, assim como o ser humano não seria capaz de conceber a felicidade completa, infinita e permanente, também não haveria lugar para a infelicidade completa, inevitável e eterna; no limite de ambas, para o bem do homem, sempre haveria a “certeza da morte” (Levi, 1988, p.17-18).

Este olhar de aparente otimismo para com a realidade, mas que apenas suaviza a dureza dos fatos, aparece novamente no capítulo denominado “Um dia bom”, que narra o primeiro dia de sol após o longo inverno no Campo. Mesmo faminto, longe de casa, cheio de chagas no corpo, sem perspectiva de liberdade ou sobrevivência, Levi está quase feliz e apresenta o artifício empregado pelos prisioneiros comuns de Auschwitz para esta quase felicidade: ter em mente uma meta ou objetivo de cada vez, sem maiores divagações sobre o futuro. Naquele dia de início de primavera, o frio não era mais um obstáculo; não morreriam de frio até o início do inverno. Sem frio, só o que ocuparia a mente era a fome, uma fome viva e sem fim. Mas eis que Templer, o “faz-tudo” do grupo de trabalho, consegue alguns litros a mais de sopa, a serem distribuídos somente para o grupo. Três litros a mais de sopa por pessoa. Até o trabalho parecia mais leve. À noite, pensam em suas mães e esposas. Naquele dia bom, sem frio ou fome, com saudades de casa: “Durante algumas horas, podemos ser infelizes à maneira dos homens livres” (Levi, 1988, p. 111).

A chegada em Auschwitz, com a discriminação, a perda da liberdade e a luta pela sobrevivência impostos de forma tão violenta, transparecem no jovem Levi como revolta e desprezo pelo mundo. Vê em tudo uma enorme máquina para rir deles, já que no final, quando se cansarem de olhar para eles, serão mortos mesmo, sem alternativa. É este o tom que prevalece nos primeiros capítulos do livro, de desilusão e apatia, afetando também as reflexões do jovem prisioneiro, já contaminado por uma fome que se tornou regulamentar e crônica, que o transforma em ladrão por direito, aquele que economiza tudo, de movimentos a pensamentos.

Outro ponto de destaque no testemunho de Levi é a utilização de personagens marcantes e frequentes que o ajudam na descrição ou análise de suas experiências em Auschwitz. De Steinlauf a Walter, de Alberto a Pikolo, terminando com Charles e Arthur, diversos rostos que se destacaram nestes 11 meses de Campo, permitindo que o autor se mantivesse lúcido e vivo. Estes rostos trazem também cores e vozes à narrativa, enriquecendo-a e tornando-a fluida e mais leve. Steinlauf, por exemplo, ensina a Levi a importância de se lavar para manter a

humanidade, contrariar os nazistas, mesmo que com uma água suja e sem sabão, correndo o risco de perder algum objeto importante e gastando energia e calor:

Já esqueci, e o lamento, suas palavras diretas e claras, as palavras do ex-sargento Steinlauf do exército austro-húngaro [...] vou ter que traduzir seu incerto italiano e sua fala simples de bom soldado em minha linguagem de homem cético [...] justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais [...]destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso consentimento. [...] Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer (Levi, 1988, p. 54-55).

No segundo livro de Levi, *A trégua* (1963), estes outros personagens ganham destaque e importância, a ponto de capítulos inteiros serem dedicados à apresentação e ao conhecimento de outros sobreviventes, companheiros ou amigos que compartilharam com Levi, de alguma forma, o longo caminho para a casa. Assim, a narrativa, mesmo que testemunhal, se enriquece com outras vozes e outros pontos de vista, transmitindo a diversidade de situações e personagens que compartilharam o caos do pós-guerra numa Europa destruída. É assim que são apresentados o grego Mordo Nahum, com a sua severidade no trabalho e na vestimenta, no capítulo “O grego”, e o conterrâneo César, sempre pronto a uma trapaça, num capítulo com o seu nome.

A desumanização dos prisioneiros começou já no trem para o Campo, antes mesmo de saberem para onde iriam. Levi parece se perguntar o porquê de tanta violência, de tanto desprezo pelos homens, do corte dramático de realidade já nas primeiras horas em Auschwitz, das filas gigantescas e das horas de espera, das perguntas não respondidas, da apropriação de tudo que lhes pertencia, do corte radical dos cabelos e da barba, da vestimenta padronizada e suja para todos. E a intuição o revela o motivo: é mais fácil exterminar homens que não se parecem com homens, com os quais não se tenha a mínima empatia:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo o que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana [...] (Levi, 1988, p.33).

A luta constante pela manutenção de um resto de humanidade é permanentemente descrita em *É isto um homem?* (1947), sendo quase tão importante quanto a sobrevivência. Pikolo, apelido para um prisioneiro privilegiado (“proeminente”) que o acompanha durante um trabalho, era um jovem e robusto alsaciano que desejava aprender italiano. No caminho para

buscar a sopa, Levi inicia sua aula, utilizando o Canto XXVI da *Divina Comédia* de Dante, o Canto de Ulisses, para a composição da aula. Nem ele mesmo sabe porque escolheu este texto. Antes de tudo deve explicar quem foi Dante Alighieri, o que é a *Divina Comédia*, o conceito de inferno, as figuras de Virgílio e Beatriz. Mas como? Difícil, mas possível, E assim, em meio à brutalidade e inumanidade de Auschwitz, Primo Levi se põe a lembrar os versos de Dante, alguns intactos e fáceis, outros impossíveis de rimar ou lembrar, mas que compuseram um momento único, em que ele deixa de ser prisioneiro e volta a ser humano, a ponto de até esquecer, por alguns minutos, onde está e quem ele é:

Cuidado, Pikolo, abre os ouvidos e a mente, eu preciso que compreendas:

“Considerate la vostra semenza:

Fatti non foste a viver come bruti,  
ma per seguir virtude e conoscenza.”<sup>5</sup>

[...]

Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom [...] talvez [...] tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos os homens que sofrem e, especialmente, a nós: a nós dois, nós que ousamos discutir sobre estas coisas, enquanto levamos nos ombros as alças do rancho (Levi, 1988, p.167-168).

Este trecho do livro é primoroso também porque marca a luta desesperada de Levi por manter suas lembranças vivas, por se deixar envolver pela beleza da literatura enquanto ainda não é o fim. O desespero e a urgência, antes morno e calado, emergem neste canto como um grito de liberdade e vida.

---

<sup>5</sup> “Relembrai vossa origem, vossa essência; vós não fostes criados para bichos, e sim para o valor e a experiência.”

## 5 POR QUE FALAR?

Segundo as próprias testemunhas, várias são as motivações que levam alguém que passou por um evento traumático a resolver testemunhar e contar a sua história, dentre elas a necessidade de falar, a vingança, a vergonha e a perlaboração do trauma. Primo Levi (*É isto um homem?* de 1947), Antelme (*A espécie humana* de 1947) e Wiesel (*A noite* de 1968) descrevem a ânsia de narrar após a libertação como um impulso violento, uma necessidade vital que chegava quase a superar as necessidades básicas da vida. Para se ter uma dimensão de tal urgência, tanto Levi quanto Antelme apresentaram seus relatos testemunhais apenas dois anos após o fim da guerra.

Da mesma forma que a ânsia por falar, a necessidade de entender minimamente por que tantos observaram as atrocidades cometidas e nada fizeram foi o grande motivador para os relatos de Levi. No penúltimo capítulo de *Os afogados e os sobreviventes* (1986), “Cartas de alemães”, Levi conta como foi a tradução de *É isto um homem?* (1947) para o alemão. Não fazia muito tempo que a guerra havia acabado. A tradução permitiria um diálogo com os reais destinatários do livro, o povo alemão comum, do qual faziam parte não só os soldados SS, mas todos aqueles que nada haviam feito, que não tiveram coragem ou vontade de ajudar com pequenos atos, como um olhar de compreensão ou uma palavra de solidariedade. Assim, como Introdução apenas à versão alemã do livro, Levi incluiu um trecho da carta em que agradece ao tradutor pelo seu trabalho e que declara sua necessidade de compreender os alemães:

[...] E assim terminamos: estou contente por isto, satisfeito com o resultado, agradecido ao senhor [...]  
 Estou certo de que o senhor não me entendeu mal. Jamais nutri ódio em relação ao povo alemão, e, se tivesse nutrido, teria me recuperado disto agora, depois de tê-lo conhecido[...]  
 Mas não posso dizer que compreenda os alemães: ora, algo que não se pode compreender constitui um vazio doloroso, um aguilhão, em estímulo permanente que exige ser satisfeito. Espero que este livro obtenha alguma repercussão na Alemanha: não só por ambição, mas também porque a natureza desta repercussão talvez me permita compreender melhor os alemães, responder àquele estímulo (Levi, 2022, 142-143).

A busca por manter íntegra a memória dos horrores vividos poderia ser uma razão estranha para o testemunho, uma vez que perpetua as lembranças do trauma para o sobrevivente, mas este parece ter sido um outro motivador de Primo Levi para testemunhar após a libertação e para a elaboração e publicação do livro *Os afogados e os sobreviventes* (1986), escrito mais de 40 anos após Auschwitz. Este livro retoma as principais análises sobre Auschwitz de forma

mais profunda e demorada, reforçando a permanente luta do autor para que o passado não fosse esquecido ou, principalmente, repetido.

No prefácio de *Os afogados e os sobreviventes* (1986) Levi descreve com detalhes a estratégia nazista que pretendia apagar da história e da memória os crimes de guerra por eles perpetrados: destruir qualquer rastro ou sinal do que havia ocorrido, confiando, também, na incredulidade de qualquer ouvinte frente à imensa crueldade praticada. Foi contra este apagamento ou esquecimento do passado que o autor italiano mais uma vez mergulhou nas lembranças do Campo e buscou entender o que houve e como a humanidade teria permitido tamanha perversidade:

[...] muitos sobreviventes [...] recordam que os SS se divertiam avisando cinicamente os prisioneiros: “Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança [...] e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês”[...] (Levi, 2022, p. 7).

Esta mesma obrigação moral citada por Levi é apresentada por Wiesel no prefácio de *A noite* (1968) como objetivo de sua escrita e sua obrigação pessoal enquanto testemunha e sobrevivente do Shoah: “[...] impedir que o inimigo conquiste, postumamente, sua última vitória, a de apagar seus crimes da memória dos homens” (Wiesel, 2021, p.8).

Ainda no prefácio de *Os afogados e os sobreviventes* (1986), Levi destaca a grande derrota alemã no intento de esconder o passado. Nem tudo teria ocorrido como a máquina de guerra nazista previa ou gostaria: as câmaras de gás e os fornos crematórios foram explodidos, mas suas ruínas permaneceram e foram difíceis de explicar com mentiras; o gueto de Varsóvia foi destruído, mas foram encontrados relatos de alguns ‘combatentes-historiadores’, descrevendo a vida e a morte do gueto; os arquivos dos campos de concentração foram destruídos, mas foi possível encontrar as fossas comuns onde foram enterrados milhares de corpos; inúmeros prisioneiros já sem forças foram transferidos para o seio da Alemanha ao final da guerra para evitar que falassem, mas vários conseguiram sobreviver e testemunhar (Levi, 2022). Os relatos de sobreviventes como ele contribuiriam para revelar este passado.

O outro motivador indicado por Levi para a elaboração de *Os afogados e os sobreviventes* (1986) foi contribuir para o esclarecimento e, talvez, o entendimento de vários fatos e situações que ainda restavam obscuras ou pouco divulgadas a respeito dos campos de concentração nazistas. Foi com este intuito que Levi analisou vítimas e carrascos e a enorme zona cinzenta

que se interpunha entre eles e que representou o verdadeiro terror de Auschwitz: vítimas que muito se assemelhavam aos carrascos na luta pela sobrevivência. São representantes desta zona cinzenta os judeus e outros prisioneiros comuns que se tornaram chefes (kapos) e passaram a colaborar com os opressores para fugir das seleções, mesmo que isso significasse espancar ou matar seus semelhantes; os prisioneiros privilegiados que se utilizaram de todas as formas astutas, violentas, lícitas ou ilícitas por um pouco mais de pão ou proteção contra o frio; os prisioneiros dos ‘Sonderkommandos’, responsáveis pelos fornos crematórios, que viviam apartados e bem alimentados em troca do partilhamento da culpa pelos extermínio de seus iguais (Levi, 2022).

Passando da visão subjetiva dos relatos de testemunho, focados nas necessidades particulares dos sobreviventes, para a visão global e historiográfica destes mesmos relatos, observa-se a importância deles enquanto fragmentos isolados que podem, em conjunto, ajudar a desvendar fatos significativos e obscuros da história, muitos dos quais só puderam ser conhecidos em decorrência deles, como observa Márcio Seligmann-Silva no artigo “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento” (Seligmann-Silva, 2003). Além disso, conforme Monteiro (2018), no artigo “Analisando a escrita do passado: Sobre o conceito de ‘literatura de testemunho’ de Seligmann-Silva”, a nova perspectiva do passado que se desvenda na Literatura de Testemunho enriquece a visão histórica impessoal de elementos empíricos individuais impossíveis de se obter de outra forma (Seligmann-Silva, 2012, *apud* Monteiro, 2018).

O conceito apresentado acima faz parte do que se propôs como a historiografia do século XX ou a historiografia moderna, idealizada por Walter Benjamin e Halbwachs, e que põe em xeque vários dos preceitos e dogmas da historiografia tradicional e positivista. Esta nova história deixaria de buscar uma realidade única e global, calcada na imparcialidade e integridade dos fatos, e passaria a olhar para os relatos subjetivos e os fragmentos de memórias e testemunhos como fontes para a recomposição do passado. Um ponto a se destacar desta nova história é justamente a sua consciência de ser parcial e seletiva, incompleta e instável: saber que nem tudo irá integrar os escritos históricos, a depender do momento político, econômico e social de sua escritura (Seligmann-Silva, 2003).

Nesta mesma linha, Ricoeur ressalta que esta nova forma de representação do evento traumático do Shoah, que incorpora os relatos de testemunho às pesquisas do passado, mesmo com dificuldades de abordagem e narrativa, poderia trazer novas perspectivas de estudo do tema:

Resulta dessas considerações que a tentativa de escrever a história da “solução final” não é um empreendimento desesperado, se não esquecermos a origem

dos limites de princípio que a afetam. É, antes, a oportunidade de recordar o trajeto que deve efetuar o crítico, remontando da representação à explicação/compreensão e desta ao trabalho documental, até os últimos testemunhos, cuja complicação se sabe estar estilhaçada, entre a voz dos algozes, a das vítimas, a dos sobreviventes, a dos espectadores diversamente envolvidos (Ricoeur, 2007, p. 273).

Esta busca pela sinergia entre história e memória surgiu justamente como contraponto aos revisionistas históricos que negavam os vários genocídios ocorridos neste século por não existirem fontes documentais tradicionais que comprovassem a realidade dos fatos, chegando até a afirmar que os judeus seriam tão culpados da guerra quanto os alemães e que o genocídio judaico não passaria de propaganda (Seligmann-Silva, 2003). Talvez estas afirmações negacionistas pareçam um pouco radicais, mas a verdade é que houve uma grande desestabilização na confiança para com os relatos testemunhais e uma grande vitória para as posições neonazistas após o caso Benjamin Wilkomirski. O livro com as supostas memórias do pequeno Benjamin nos campos de Majdanek, Auschwitz e Birkenau, publicado em 1995, francamente elogiado pela imprensa e pelo meio acadêmico, traduzido para mais de 12 línguas e ganhador de vários prêmios, acabou sendo desmascarado como farsa ficcional pelo escritor Daniel Ganzfried somente após 3 anos de sua publicação, o que trouxe dúvidas sobre a correção e veracidade de diversos outros relatos testemunhais (Elmir, 2008).

Segundo Gagnebin (2006), o declínio das formas tradicionais de narrativa e da historiografia tradicional teria se iniciado com a 1ª guerra mundial, quando vários soldados voltam do front desejosos de exprimir em palavras o terror compartilhado nas trincheiras. É neste contexto que surgiu a obra *Testemunha: ensaio sobre a análise e crítica das memórias dos combatentes publicado em francês de 1915 a 1928*, publicada por Jean Norton Cru em 1929, e que apresenta e analisa 304 relatos testemunhais de soldados da 1ª guerra. Como destaca Seligmann-Silva, em seu artigo “Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes”, o militar francês, que esteve por 3 anos nas trincheiras, buscou compreender a dificuldade e a necessidade que estes soldados tinham em testemunhar e escrever sobre o trauma vivido, inovando ao estabelecer critérios objetivos para a avaliação dos testemunhos de guerra (Seligmann-Silva, 2009).

Mas novas dificuldades surgiram com a revisão do conceito de história, principalmente no que diz respeito à integração e complementação entre história, literatura e ficção. Uma vez que não é mais possível ou aceitável a construção dos fatos de forma exata e exaustiva, que não é possível a busca de verdades indiscutíveis e completas, obtidas através de procedimentos científicos de adequação e verificação, cabe ao historiador adequar-se ao relativo, à busca dos

rastros do passado, com o objetivo claro de combater o esquecimento, a denegação e a mentira, mas sem radicalismos ou dogmatismos (Gagnebin, 2006). A utilização de vários relatos pessoais de testemunho de forma agregada e criteriosa seria uma ferramenta poderosa para a recomposição de fatos históricos polêmicos e de difícil sistematização (Salgueiro, 2012).

Hoje parece absurdo imaginar que o grande cânone dos relatos testemunhais do Shoah, *É isto um homem?*(1947) de Primo Levi, não tenha sido bem recebido ou aceito logo após a segunda guerra. Mas é aí que entra o importante papel do testemunho enquanto memória histórica e instrumento político, como ressalta Seligmann-Silva no artigo “Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes” (Seligmann-Silva, 2008a). A explicação pela sua publicação apenas por uma editora pequena, a *Franscesco De Silva*, após a recusa da grande *Einaudi*, em 1947, está claramente relacionada ao contexto histórico e político da época. Na Itália do pós-guerra, as responsabilidades nas atrocidades atribuídas ao governo fascista não foram bem absorvidas pelo governo recém-empossado, sendo raramente mencionadas pelos meios de comunicação. Da mesma forma, o drama vivido pelos deportados italianos era encoberto por políticas nacionalistas voltadas à reconstrução do país e à valorização dos heróis da resistência. Assim, só vários anos depois, após a publicação do segundo livro do autor, *A trégua*, de 1963, é que Primo Levi será reconhecido na Europa como um todo, mesmo havendo traduções quase imediatas de *É isto um homem?*(1947) para o francês, o inglês e o alemão ainda na década de 50. O mesmo ocorre com o autor frente aos leitores anglo-saxões: para americanos e ingleses, as histórias sobre perseguições de judeus e ocupações nazistas eram estranhas e distantes de suas realidades, deixadas de lado frente às necessidades urgentes de reconstrução e crescimento econômico. O grande público americano só irá compreender a grandeza dos relatos de Primo Levi após a publicação de livro ficcional *O sistema periódico*, de 1975, traduzido para o inglês em 1984 (Basevi, 2020).

Mas a atualidade não parece muito diferente. A professora e filósofa Jeanne Marie Gagnebin em seu ensaio “Palavras para Hubirnek” (Gagnebin, 2000) apresenta sua indignação e a da antropóloga Véronique Nahoum-Grappe frente à inação dos organismos internacionais e nacionais no combate aos massacres e genocídios da atualidade. Durante o colóquio internacional “O Homem, a Língua, os Campos”, ocorrido em 1997 em Paris, em que foi proposta a realização de um estudo comparativo dos vários tipos de genocídio e de campos de concentração já praticados pelo homem, Véronique surpreende ao questionar sobre a atitude dos organismos internacionais e dos próprios pesquisadores sobre os genocídios e crimes de guerra que ainda eram praticados à época, citando a morte de mais de 8.000 muçulmanos bósnios dizimados pelas tropas sérvias em 1995 em Srebrenica em apenas 1 semana:

Em realidade, que algo como a purificação étnica seja possível cinquenta anos mais tarde na Europa, e que a lembrança da Shoah lhe serviu de máscara desrealizante para testemunhar europeus sinceramente democratas e não-ameaçados, isso é uma bela vitória póstuma de Hitler (Gagnebin, 2000, p. 103).

Para Gagnebin (2000), são os interesses ideológicos e políticos do grupo que está no poder que determinam quais fatos ou sofrimentos merecem fazer parte da história mundial e quais não. Pouco interessa a intensidade do horror ou o nível do sofrimento. Neste contexto, enquanto não houver vontade ética mundial contrária ao ódio, ao segregacionismo, ao racismo e à desigualdade, o sonho recorrente de Levi e de tantos outros prisioneiros de Auschwitz de contarem os horrores sofridos e de não serem escutados, de ninguém querer ouvi-los, permanecerá real no final.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordou-se neste trabalho o conceito e a importância da Literatura de Testemunho atualmente. Nascida no século XX e associada a eventos traumáticos mundiais, locais ou individuais, seu compromisso imediato é com a verdade e a ética, deixando um pouco de lado o rigor da forma e a beleza estética; a voz do sujeito abre espaço para o objeto narrado, fim último do relato. Em épocas em que os homens parecem perder a razão e em que a violência extrema surge das mais variadas formas, a literatura emerge como instrumento e voz dos excluídos e oprimidos.

Para bem ilustrar este tipo de literatura, foram analisados diversos trechos da chamada trilogia de testemunho de Primo Levi, destacando os aspectos gerais desta tipificação literária, bem como os elementos marcantes da escrita do autor, suas peculiaridades e artifícios narrativos. Utilizando uma linguagem simples, direta, sem excessos ou meias-palavras, que privilegia a comunicação de ideais e sentimentos, com empatia e leveza, pode-se dizer que os testemunhos de Levi se incluem no conjunto de obras, definidas por Salgueiro em seu livro *A primazia do poema II* (2022), que “têm no horizonte a tentativa de despertar nas pessoas o sentimento de que tais condições bárbaras e desumanas, se jamais deveriam ter existido, jamais deverão se repetir” (Salgueiro, 2022, p. 56).

Num mundo cada vez mais povoado de indivíduos egocêntricos, narcisistas e individualistas, em que a violência e a desumanização aparecem todos os dias nas notícias dos jornais, a literatura se reafirma como meio artístico para fomentar o conhecimento e a diversidade, tratar de diferentes temas com clareza e elegância, permitindo ao cidadão moderno conhecer os mais variados assuntos e construir o seu senso crítico. Neste sentido, a Literatura de Testemunho vem contribuir como importante ferramenta para documentar e reconstruir inúmeros fatos ou acontecimentos que ainda permanecem obscuros ou ininteligíveis atualmente e que continuariam à margem da história oficial se ela não existisse.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha** (Homo Sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ANTELME, R. **A espécie humana**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- BASEVI, A. Tradução, diálogo, testemunho: Primo Levi e seus tradutores. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 40, n. 3, p. 75-91, set-dez 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n3p75/44185>>. Acesso em: 21 out. 2023.
- BEZERRA, J. Campos de Concentração nazistas. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/campos-de-concentracao-nazistas/>>. Acesso em: 14 out. 2023
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Campo de Auschwitz. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/campo-de-auschwitz/>>. Acesso em: 14 out. 2023
- DANZIGER, L. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. **Arquivo Maaravi**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13903/11084>>. Acesso em: 23 out. 2023.
- EGER, E.E. **A bailaria de Auschwitz**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- ELMIR, C. P. O caso Benjamin Wilkomirski: a dupla invenção da memória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 41-55, dez. 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7954/4741&cd=12&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- ELIAS, A. "Memórias do Cárcere", de Graciliano Ramos, é publicado. **FFLCH faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo**, São Paulo, junho de 2023. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/59819>>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- FELMAN, S. Educação e Crise ou as Vicissitudes do Ensinar. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org). **Catástrofe e Representação: Ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000.
- GAGNEBIN, J. M. Prefácio a Giorgio Agamben. In: AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo editorial, 2008, p. 9-17.
- \_\_\_\_\_. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- \_\_\_\_\_. Palavras para Hurbinek. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org). **Catástrofe e Representação: Ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000.

GINZBURG, J. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: SALGUEIRO, W. (Org.). **O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências**. Vitória: Edufes, 2011, p. 19-29.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993, p. 371-372.

LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

\_\_\_\_\_. **A trégua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **É isso um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MACIEL, C.P.R. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. **Opiniões**, v. 5, n. 9, p. 74-80, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/124618>>. Acesso em: 9 nov. 2022.

MONTEIRO, G. F. Analisando a escrita do passado: Sobre o conceito de “literatura de testemunho” de Seligmann-Silva. **Revista Vernáculo**, fev. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/52954>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

PALMEIRA, M. R. Cada história, uma sentença: anotações sobre Sobrevivente André du Rap. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 27, p. 59–77, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9091>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

RICOEUR, P. **Memória, história, esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SALGUEIRO, W. **A primazia do poema II**. 1 Ed. Campinas: Pontes Editores, 2022.

\_\_\_\_\_. O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). **Matraga**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro, UERJ, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012, p. 284-303. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SANTOS, P. G. Fragmentos de uma fraude: o caso Benjamin Wilkomirski. **Arquivo Maaravi**, Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, out. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/download/14065/11246/38342>>. Acesso em: 06 out. 2023.

SELIGMANN-SILVA, M. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255>>. Acesso em: 15 set. 2023.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes. **Gragoatá**, v. 13, n. 24, 30 jun. 2008a. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33162>>. Acesso em: 9 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008b. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 set. 2023.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: \_\_\_\_\_ (org.). **História, memória, literatura: a testemunha na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. A história como trauma. In: In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org). **Catástrofe e Representação: Ensaio**. São Paulo: Escuta, 2000.

\_\_\_\_\_. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Revista do mestrado em Letras da UFSM. Santa Maria, RS, UFSM; CAL, n. 16, jan./jul. 1998, p. 9-37. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11482>>. Acesso em: 9 nov. 2022.

WIESEL, E. **A noite**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.